

1-Introdução

Esta pesquisa se elabora mediante o estudo da obra de Walter Benjamin, a partir do qual chegamos à compreensão de que a obra do autor pode ser lida como uma unidade constituída por fragmentos que, por sua vez, devem conter potencialmente a totalidade. Este motivo formal, da relação entre a parte e o todo, encontra-se delineado tematicamente ao longo de seus textos, como um tema recorrente em seu pensamento, de forma que estamos convencidos de que para compreender os conceitos de sua obra é condição *sine qua non* entendermos esta relação de parte e todo em que sua obra se funda, em outras palavras, para nós pareceu insuficiente delimitar questões a serem abordadas dentro de alguns textos de Benjamin sem, todavia, fazer algumas considerações acerca da construção do pensamento do autor.

Tal descuido nos poria à beira do risco de tomar seus conceitos de forma fechada, compreendendo-os no limite estreito de cada texto distinto, impossibilitando a relação deles com o todo da obra. Assim, ao delimitarmos a questão a ser tratada nesta pesquisa buscamos abordá-la como um fragmento que contém a totalidade da obra.

A questão que nos enfronhamos nesta pesquisa é a de entender como Benjamin concebe o processo de fragmentação da percepção que acompanha o surgimento das cidades e em última instância pensar a construção da crítica da cultura do autor. Buscaremos nesse percurso abarcar questões referentes à percepção tradicional anterior ao avanço técnico, à dispersão da experiência tradicional na modernidade e aos efeitos sofridos na percepção. Para este contexto de transformação da percepção, Benjamin exorta a necessidade de se criar uma nova forma de percepção para a realidade moderna que se apresenta, ou seja, uma forma de percepção que ao invés de negar a fragmentação em que se insere o homem moderno, se constrói a partir da fragmentação, faz dela seu nascedouro.

Benjamin entende que se faz necessário assumir o empobrecimento das experiências comunicativas, o continuísmo histórico e a repetição de conceitos tradicionais em que a modernidade está mergulhada, pois assim abandona-se a inércia da queixa nostálgica que só tem olhos para um passado perdido e deixa de olhar o seu próprio tempo, e se abre a possibilidade de romper com o continuísmo e a repetição, para criar interpretações novas do presente. E Benjamin não prescreve essa tarefa de forma puramente teórica, e, ao nosso ver, aí está seu grande triunfo. Ele exorta a necessidade de romper com o continuísmo histórico, rompendo de fato com esse continuísmo na estrutura de seu pensamento, pois Benjamin se dedica a observar acontecimentos do seu tempo sem tentar encaixá-los em uma interpretação corrente. Lança novas interpretações sobre os objetos que estuda sem enquadrar o pensamento em um encadeamento linear, ou em uma associação maquinal de ideias; do contrário ele insere a ruptura na construção de seu pensamento. Assim a forma como a investigação de Benjamin é conduzida acerca do tema está intimamente ligada com a questão abordada, ou seja, o fragmento consiste no princípio de unidade tanto da obra do autor, quanto dos temas com que trabalha, de maneira que a teoria se elabora na mesma cadência do objeto.

Para tanto, Benjamin forja o seu método indireto de escrita. Trata-se de uma escrita descontínua que introduz rupturas no pensamento, por isso muitas vezes ele se utiliza da forma do aforismo, surpreendendo o leitor com a associação de assuntos que comumente não são associados. Ao invés de buscar nivelar o pensamento em generalidades, ele se volta para o singular, fazendo com que o micro lance novas explicações ao macro, “Ele está interessado na correlação entre uma cena de rua, uma especulação na bolsa de valores, um poema, um pensamento, com a linha oculta que as une”¹. O pensamento de Benjamin se forma em uma constelação² de ideias, ou seja, ele associa ideias de forma a buscar semelhanças que não estavam aparentes e assim criar uma nova interpretação no pensamento.

Imbuídos deste olhar benjaminiano, nos lançamos na tarefa de precisar as formas de percepção de experiência (*Erfahrung*) e vivência (*Erlebnis*). Essas

¹ ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*, p. 142

² BENJAMIN, Walter. *Passagens*, p.504, seção N 2a, 3

noções têm uma importância tão relevante em Benjamin que é possível afirmar que sua obra se apresenta como um mosaico das inúmeras implicações de vivência e experiência e a partir delas ele traça seu perfil da modernidade, pois tais noções se encontram estreitamente ligadas a uma concepção de tempo e com isso lhe permitem estimular a sua crítica à modernidade.

Podemos dizer a princípio que Experiência e Vivência se relacionam com contextos sociais que Benjamin distingue como tradição e modernidade, ligados respectivamente à produção artesanal e à produção industrial. Tais noções são introduzidas na obra do autor indicando formas distintas de perceber a realidade, mas que, não obstante, estão em íntima relação, na medida em que versam sobre a percepção do homem em seu mundo, no contexto em que ele se insere e nas mudanças ocorridas em sua realidade. Há de se notar que, tendo em vista a abrangência do tema que abarcam, não é possível tomar estas noções como um conceito objetivo e fechado, somos da opinião que é necessário conferir certa plasticidade a estes conceitos, a fim de compreendê-los no todo da obra de Benjamin.

Lemos Benjamin a partir do ponto de vista de que sua obra se dá como esse desenrolar das noções de experiência e vivência, que desencadeiam a construção do que vem a ser o homem moderno, este entregue ao mundo fragmentado e a mercê da desorientação. Mas longe de levantar uma queixa impregnada de valor nostálgico a perda da experiência própria à tradição, Benjamin se interessa em fazer ver esse mundo moderno, buscando uma nova experiência que assume sua pobreza, uma experiência singular, que abraça a tarefa de resgatar o passado para entrecruzá-lo no presente e modificá-lo, inaugurando assim outro tempo no qual o presente transfigurado assume as esperanças que não se completaram no passado.

Assim o objetivo de nosso trabalho consiste em apresentar as imbricações dessas noções no decorrer das obras do filósofo, primordialmente as obras: “Experiência”, “O narrador”. “Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”³, “A pequena história da fotografia”, “Sobre o conceito da História”, “Experiência e Pobreza”. É de se notar que tais noções se articulam direta ou indiretamente com

³ Doravante citado como O narrador.

todo seu pensamento, desde os seus primeiros escritos e, como foi dito, não se trata de conceitos estáticos; do contrário tais noções são carregadas de sentidos que foram se modificando no decorrer do desenvolvimento de suas obras, o que por um lado enriquece muito o pensamento do filósofo, mas por outro também é causa de muitos equívocos. Pretendemos defender que a noção de experiência trazida no texto homônimo de sua juventude *Experiência*, onde ela é abordada pela primeira vez, já trazia em si um esboço da teoria benjaminiana. Todavia, nesse primeiro momento, Benjamin não faz distinção entre experiência e vivência, usando a palavra “experiência” de forma bastante ampla, abarcando tanto a noção de vivência trazida pela repetição, quanto a noção de uma experiência que cria no presente, de tal maneira que a ideia construída posteriormente para caracterizar vivência e experiência já estava contida em germe nesta última. Assim, podemos dizer que em linhas gerais, nas obras desse autor a palavra experiência pode evocar tanto uma compreensão de transmissão de tradição, bem como a repetição mecânica dessa tradição, e a ruptura com essa repetição⁴. Nosso trabalho será de esmiuçar como as ideias que a noção de experiência traz se articulam nas obras do filósofo.

Dispomos o trabalho em nove seções, optamos por compor um conjunto de textos curtos, ao invés de pretender uma estrutura de início, meio e fim, pois entendemos ser, desta forma, mais fieis ao pensamento de Benjamin, haja visto que grande parte de sua obra é composta por ensaios, fragmentos, enfim textos curtos que não seguem uma formatação linear, e estamos convencidos de que ele procede assim pois esta formatação corresponde melhor à montagem do seu pensamento. Assim nos parece coerente dispor este trabalho seguindo a mesma intenção de montagem que não visa uma unicidade de ideias, mas antes cortes e interrupções ligados em rede. As seções desse trabalho se concentram em

⁴ “Mais uma vez: conhecemos uma outra experiência. Ela pode ser hostil ao espírito e aniquilar muitos sonhos fluorescentes. No entanto, é o que existe de mais belo, de mais intocável e inefável, pois ela jamais estará privada de espírito se nós permanecermos jovens. Sempre se vivencia apenas a si mesmo, diz Zarathustra ao término de sua caminhada. O filisteu realiza a sua “experiência”, eternamente a mesma expressão da ausência de espírito. O jovem vivenciará o espírito, e quanto mais difícil lhe for a conquista de coisas grandiosas, tanto mais encontrará o espírito por toda parte em sua caminhada e em todos os homens.” BENJAMIN, Walter. *Experiência*. In Obras escolhidas p. 25.

diferentes ensaios de Benjamin⁵, em cada seção aspectos da crítica da cultura de Benjamin, bem como as noções de experiência e vivência são apresentadas por perspectivas diferentes, de maneira que não pretendemos apresentar as ideias em uma evolução, na qual a explanação iria gradativamente se acumulando até culminar na conclusão. Não utilizamos este princípio aditivo, pois entendemos que a filosofia de Benjamin não se estabelece em uma concepção acumulativa. Mas antes, nossa leitura de Benjamin vai se construindo nessa arquitetura textual fragmentada em que as noções abordadas são apresentadas em cada seção por diferentes enfoques, de forma que o tema se repete em todo trabalho em diferentes montagens, num esforço para articular o trabalho por um princípio construtivo⁶. Assim cada articulação das seções não faz uma repetição do mesmo, do contrário, engendra olhares diferentes acerca do assunto e nesses olhares buscamos conservar a pluralidade própria do pensamento de Benjamin, cuidando para não reduzi-lo a conceitos. Nesse intento, deve ficar claro que não pretendemos esgotar o assunto, i.é, não temos a pretensão de encerrar nesse trabalho as questões acerca da noção de experiência e suas imbricações na crítica da cultura benjaminiana, pelo motivo que o cerne desse pensamento é a abertura que possibilita sempre novas interpretações. Sendo assim, em nossa conclusão não concluímos, pretendemos fechar o trabalho sem reuni-lo, sem adequá-lo em uma unidade, mas lançando novas questões para o que foi exposto, mantendo a construção do texto positivamente incompleta, pois como cita Benjamin: “A obra é incompleta: ‘Apenas o incompleto pode ser compreendido, pode nos levar mais além.’”⁷.

No segundo tópico, que segue essa introdução, - O método de Benjamin - apresentamos algumas considerações acerca do método filosófico de Benjamin, pois entendemos que para investigação do conteúdo de seu pensamento é de fundamental importância entendermos seu método de criação, pois a forma como ele pensa e estabelece seus conceitos está intimamente relacionada ao que ele diz. Ou seja, para entendermos sua noção de experiência, conforme é nosso interesse, se faz necessário entendermos como Benjamin concebe as noções de seu pensamento, como ele cria seus conceitos. A respeito dessa noção de experiência

⁵ Com exceção do primeiro tópico, no qual introduzimos aspectos do método de Benjamin e que está pautado primordialmente na tese de doutorado *A origem do drama barroco alemão*.

⁶ Os princípios acumulativo e construtivo de Benjamin serão tratados neste trabalho.

⁷ SCHRIFTEN apud BENJAMIN, Walter. *O conceito de crítica de arte no romantismo alemão*, p. 76

não custa reiterar que Benjamin se dedica a esta desde seus primeiros escritos e, no decorrer de seu trabalho, ela se torna uma parte inerente de sua reflexão.

No terceiro tópico - *Experiência*- nos dedicamos à investigação do texto de juventude intitulado *Experiência*, como já mencionado. Neste a noção de experiência se associa ao declínio da tradição, em que tradição é apresentada como aquilo que é antiquado, o “eternamente ontem”. Assim a experiência evocaria para o jovem Benjamin um movimento de repetição, no entanto também encontramos nesse texto a alusão a uma outra forma de experiência que partiria da percepção do presente, tentando compreendê-lo em sua singularidade, sem encaixá-lo em postulados antiquados. Ao abordar este aspecto da noção de experiência vinculado à tradição, sentimos a necessidade de entender melhor o que Benjamin diz acerca dessa tradição antiquada que já sofreu o seu declínio, e o que seria essa tradição antes do declínio.

Sendo assim, no quarto tópico -*Tradição e experiência comunicável*- nos voltamos para o texto *O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. Neste momento de nosso trabalho, nos dedicamos a mostrar como Benjamin utiliza a imagem do narrador para falar de uma tradição que não está engessada no tempo, não lança postulados pré-concebidos às próximas gerações como é apresentado no texto *Experiência*. Pelo contrário, a tradição apresentada no texto *O narrador* é plástica, se molda às experiências dos homens, pois faz parte de uma experiência coletiva e comunicável, trata-se de uma tradição que não é feita de ditames antiquados, mas que se faz necessária a cada próxima geração. Contudo no decorrer dos anos essa tradição viva começa a se imobilizar, principalmente com o advento tecnológico e a celeridade dos processos de informação, deixando de acompanhar o ritmo da atualidade. O declínio da experiência coletiva acarreta o declínio da capacidade de transmissão e o homem se recolhe em seu individualismo e a tradição perde o sentido como experiência comunicável, passando a se tornar uma repetição.

No quinto tópico - *Tradição, Repetição e Experiência*- nos voltaremos principalmente para texto *A pequena história da fotografia*, pois entendemos que neste texto, a partir do tema da fotografia, Benjamin faz um estudo acerca da tradição. Contudo, com o avanço técnico, a tradição tem seu declínio, e frente a

esse declínio Benjamin aponta duas formas de perceber a novidade que a mudança tecnológica ocasionou no contexto histórico: se manter nos mesmos ditames de antes e fazer encaixar o presente nos conceitos passados, ou, criar com as novas possibilidades do presente.

O sexto tópico- *Modernidade e percepção* – é dedicado a pensar as mudanças da modernidade, bem como as implicações dessas mudanças na percepção do homem, no qual mostramos como nesse processo de declínio da tradição a noção de experiência se aproxima da noção que ele chama de vivência.

No sétimo tópico, *Experiência e barbárie*, tratamos acerca do que Benjamin chama de barbárie positiva, que se despoja do peso da tradição antiquada e se lança a olhar o presente e assim cria uma possibilidade de se recriar a experiência, uma experiência que não é repetição, mas do contrário se volta para o tempo e que se insere, se relaciona com a atualidade. Temos que para Benjamin essa tarefa de voltar-se para o tempo presente não implica esquecer o passado, mas do contrário, essa tarefa se insere em uma teoria do tempo que visa olhar para o passado e reinterpretá-lo, assim esse olhar novo da tradição ilumina novas possibilidades no presente, novas formas de experiência.

Uma vez que Benjamin constrói sua teoria de tempo a partir da leitura de Proust, no oitavo tópico, *Benjamin, leitor de Proust*, vamos a este na intenção de compreendermos melhor como se dá esse entrecruzamento do tempo. No nono tópico, *Entrecruzamento do tempo*, vemos como Benjamin aplica a teoria de tempo em sua filosofia da história e como nesse caminho ele se lança a pensar uma nova experiência. No décimo e último tópico – *Conclusão: Morte e esquecimento*- nos dedicaremos à conclusão do trabalho, na qual, ao invés de reunir tudo que foi exposto, tentando esgotar o assunto tratado, pretendemos antes abrir a reflexão, e assim, nessa conclusão nos dedicamos a apresentar algumas considerações que lancem semelhanças e outras visadas ao que foi dito, dando continuidade ao assunto tratado.

Antes de adentrarmos no corpo mesmo deste trabalho, nos resta dizer que embora os tópicos que seguem estejam montados e articulados e se referenciem, eles não levam necessariamente um ao outro, cada um possui sua força de sentido de interpretação e se assemelham na medida em que buscam tecer leituras do

pensamento de Benjamin. Assim realizamos nesse trabalho uma interpretação do pensamento de Benjamin, e não uma representação transparente de suas ideias. Entendemos que toda interpretação⁸, toda tradução de um pensamento está sob a égide do fracasso, pois não consegue apresentar puramente o seu objeto de estudo, há sempre uma perda, uma melancolia, mas é justamente diante da impossibilidade que nos alegramos, pois vemos a perda como algo produtivo que potencializa o original, que lança novas visadas sem tentar resumir o original em uma sentença.

⁸ Tendo que a interpretação é uma tradução, realizamos esta tradução do pensamento de Benjamin à luz do que ele diz da tarefa de traduzir: “Da mesma forma como cacos de um vaso, para serem recompostos, devem encaixar-se uns aos outros nos mínimos detalhes, mas sem serem iguais, a tradução deve, ao invés de procurar assemelhar-se ao sentido do original, conformar-se amorosamente, e nos mínimos detalhes, em sua própria língua, ao modo de visar do original, fazendo com que ambos sejam reconhecidos como fragmentos de uma língua maior, como cacos são fragmentos de um vaso.” BENJAMIN, Walter. *A tarefa do tradutor*. In. Escritos sobre mito e linguagem, p. 115.